

O país em busca do novo, do diferente

Detenho-me por alguns instantes na Bandeirantes para ouvir um diálogo entre o Jair Meneghelli, da CUT, e o deputado José Serra, do PSDB. O líder operário quer saber se seu interlocutor pode fazer como ele



e o PT, isto é, dizer que votará no segundo turno no candidato progressista que se situar na disputa, ainda que não seja Lula mas que seja Brizola ou Covas. Serra evidentemente não queria ainda admitir que Mário Covas tinha sido posto de escanteio. Mais do que isso, no entanto, ele firmava a doutrina de que o PSDB é um partido, que discute e delibera internamente antes de fazer conhecer sua posição externamente. A questão do segundo turno ainda não fora posta no partido e por isso não havia como antecipar o resultado de um debate que ainda estava por se fazer entre os *tucanos*.

Ora, parece claro por que o deputado do PSDB não pode ser linear e explícito como Meneghelli. Seu partido tem militantes mas sobretudo tem um estado-maior bastante sofisticado para que se avancem atitudes em nome dele. O próprio Serra teria dificuldades de dizer se apoiaria Lula ou Brizola, pois na verdade ele parece não saber ainda. O PSDB emerge desta eleição como a coisa mais parecida entre nós com um partido da social-democracia européia. Ele não se identifica com a esquerda populista de Brizola nem com a esquerda obreirista de Lula. Pode negociar um acordo eventual mas não está compelido a isso como o PT e o PDT estariam ou estarão na hipótese de não conquistarem a segunda vaga.

Não é à toa que assessores de Fernando Collor antecipam que o interesse desse candidato é negociar não adesões à direita mas acordos políticos com partidos do perfil do PSDB. Collor sempre sinalizou para a hipótese de trabalhar com o grupo de políticos que compõem a direção visível desse partido. Pela articulação objetiva de um programa de governo, isso pode ser alcançado, pois os *tucanos*, com o desempenho de Covas em São Paulo, não gostariam de dissolver sua força eleitoral nos braços de Luís Inácio Lula da Silva. E o desempenho do PT em Belo Horizonte, por exemplo, deve pôr o prefeito Pimenta da Veiga na atalaia. Ele foi ameaçado na sua fonte de poder e haverá de preferir mantê-lo escoimado de aliança imperativa, se Lula se impuser.

Como se sabe, o PFL, o PL, o PDS, o PTB e grande parte do PMDB não têm o que oferecer no segundo turno. Eles estão fadados ou condenados a votar em Fernando Collor, o qual, por isso mesmo, pode se dar ao luxo de prescindir de negociações nessa área, embora uma postura arrogante possa ser punida tanto quanto ele perderá seguramente muitos votos pela incontinência verbal nas agressões a Sarney. Mas há setores do PMDB que valem um entendimento político. Por exemplo, o governador de São Paulo, o governador do Paraná, o governador da Bahia, o governador do Rio de Janeiro. O primeiro turno da eleição vai deixando claro que não há mais transferência de votos, como observou o deputado Fernando Lyra. Em Pernambuco, em São Paulo ou em Minas, o eleitor, crescentemente emancipado, votou em quem quis. Era óbvio que a vocação esquerdista de Recife que geralmente favorece Arraes se inclinaria inelutavelmente para Lula.

Comecei a escrever com Lula na frente mas com Brizola ainda na expectativa de que se produza na plenitude seu peso eleitoral no Sul e no Rio de Janeiro, coisa que começou a ocorrer.

O dramático para Brizola é que o desfecho antes delineado o retiraria não só da disputa da Presidência da República como afastaria o PDT da expectativa de ser a grande força da esquerda democrática no país. Lula ganharia, indo ao segundo turno, o direito de disputar o Palácio do Planalto e o PT, se confirmado o favoritismo do seu candidato, assumiria definitivamente o comando da esquerda nacional, deixando o brizolismo como força residual e localizada em áreas regionais definidas, e suprimiria ainda o sonho de retorno do PCB a um comando ideológico que largamente exerceu junto a intelectuais e artistas. O PC está no ocaso e o PT pode ser a nova aurora do movimento operário, mesmo que não ganhe desta vez.

A campanha que se esboça para as semanas próximas poderá radicalizar-se ao extremo gerando incompatibilidades que tornarão mais difícil ainda governar o Brasil, vença Collor Lula ou Brizola. Se tudo se passar conforme o figurino democrático, o resultado poderá ser, ao contrário, estimulante para o país, com a escolha de um governo nitidamente programado e a alternativa de uma oposição tão definida e objetivada quanto o próprio grupo dirigente. Por enquanto cabe confiar na melhor hipótese e esperar que Collor e seu concorrente se respeitem, e respeitem o país. O confronto entre Collor e Brizola poderia ou poderá ser muito personalizado, mas entre o jovem líder que se propõe à facção liberal e o emergente poder popular de Lula tudo poderá se passar na base de opções que não traumatizem o país. O eleitor quer o novo, o diferente.

Carlos Castello Branco